

Universidade Federal de São Carlos
Centro de Educação e Ciências Humanas
Departamento de Psicologia

Idosos na pandemia: investigando os significados de envelhecer e sua relação com o fazer artístico

Monografia apresentada ao Departamento de
Psicologia da Universidade Federal de São
Carlos como requisito parcial para obtenção do
grau de Bacharel em Psicologia.

Yasmim Tami Paulino Shimomichi

Orientador: Prof. Dr. Leonardo C. P. Câmara

São Carlos
Setembro/2022

Idosos na pandemia: investigando os significados de envelhecer e sua relação com o fazer artístico

Resumo: Envelhecer é o caminho natural da vida de todos os seres humanos. A acelerada transição demográfica mundial requer atenção aos novos desafios que se apresentam, principalmente em relação a ampliar e aprimorar os cuidados à saúde do idoso. Durante a pandemia de COVID-19, muitos olhares se voltaram a esses indivíduos, apontados como grupo de risco para a doença. Ainda assim, há pouco espaço em nossa sociedade para discutir a melhor maneira de assistir essa população, levando em consideração o que pensam os próprios sujeitos que estão envelhecendo. Nesse sentido, o objetivo deste estudo foi investigar os significados que o processo de envelhecer têm para aquele que envelhece, bem como analisar a maneira pela qual a arte pode influenciar na construção desses significados no contexto pandêmico. Para isso, utilizou-se da pesquisa narrativa para coletar detalhadamente histórias de vida de duas participantes idosas que praticavam algum tipo de atividade artística. O tratamento dos dados foi feito a partir da análise do discurso, aliada ao método psicanalítico. Com base nas leituras das transcrições integrais das entrevistas, foi possível elaborar categorizações temáticas, incluindo as categorias: a) a velhice; b) a pandemia de COVID-19 e c) a arte. Confirmou-se a importância da atividade artística como forma de expressão e lazer na vida dos idosos, sobretudo durante o momento pandêmico.

Palavras-chave: envelhecimento; idoso; arte; psicanálise; COVID-19.

Elderly people in the pandemic context: investigating the meanings of aging and its relation with artistic work

Abstract: Aging is the natural path of life for all human beings. The accelerated global demographic transition requires attention to the new challenges that present themselves, especially in relation to expanding and improving health care for the elderly. During the COVID-19 pandemic, many eyes turned to these individuals, identified as a risk group for the disease. Even so, there is little space in our society to discuss the best way to assist this population, taking into account what the aging subjects themselves think. In this sense, the objective of this study was to investigate the meanings that the aging process has for those who age, as well as to analyze the way in which art can influence the construction of these meanings in the pandemic context. For this, narrative research was used to collect detailed life stories of two elderly participants who practiced some type of artistic activity.

The treatment of the data was made from the analysis of the speech, allied to the psychoanalytic method. Based on the readings of the full transcripts of the interviews, it was possible to elaborate thematic categorizations, including the categories:

a) old age; b) the COVID-19 pandemic and c) art. The importance of artistic activity as a form of expression and leisure in the lives of the elderly was confirmed, especially during the pandemic moment.

Key-words: aging; elderly; art, psychoanalysis; COVID-19.

A presente pesquisa contou com o auxílio, em forma de bolsa de Iniciação Científica e Tecnológica, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Sumário

1. Introdução.....	7
1.1. O conceito de envelhecimento	8
1.2. Problematização	10
1.3. Objetivos	11
2. Método.....	12
2.1. Tema.....	12
2.2. Delimitação do tema	12
2.3. Problema	12
2.4. Desenho geral da pesquisa e procedimentos	12
2.5. Instrumentos	13
2.6. Características e critérios de seleção dos participantes (critérios de inclusão e de ..14 exclusão)	14
2.7. Condução dos procedimentos éticos	14
2.8. Coleta dos dados	15
2.9. Tratamento dos dados	16
3. Apresentação dos dados.....	17
3.1. Descrição das participantes	17
3.1.1. Participante 1.....	17
3.1.2. Participante 2.....	18
3.2. Análise dos dados.....	19
3.2.1. A velhice	19
3.2.1.1. O próprio processo de envelhecer	19
3.2.1.2. Sobre estar só	21
3.2.1.3. O corpo.....	22
3.2.2. A pandemia de COVID-19.....	23
3.2.2.1. O impacto	23
3.2.2.2. Aposentadoria	24
3.2.2.3. Arte na pandemia	24
3.2.3. A arte.....	25
3.2.3.1. A história com a arte	25
3.2.3.2. Arte em curso	26
3.2.3.2.1. Obra da participante 1	27
3.2.3.2.2. Obra da participante 2	27

3.2.3.3. Envelhecimento e arte	28
4. Discussão	30
5. Considerações finais.....	34
Referências.....	36
Anexo A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	40
Anexo B: Roteiro de entrevista	44

1. Introdução

O imaginário do período da velhice como estando associado a perdas e sofrimento está presente em diversas culturas e é bastante difundido no Ocidente. Essa fase do processo de envelhecimento é marcada por modificações biológicas, sociais e psicológicas no desenvolvimento do indivíduo, que são comumente interpretadas como negativas. No entanto, essa interpretação mostra-se equivocada, conforme estudos de Rowe e Kahn (1998), segundo os quais é possível atingir um envelhecimento saudável, de acordo com indicadores como: baixo risco de doenças e de incapacidades funcionais; funcionamento mental e físico excelentes; e envolvimento ativo com a vida.

Durante o cenário da pandemia da COVID-19, idosos, considerados grupos de risco à doença, foram obrigados a permanecer em isolamento social, realçando algumas das dificuldades já enfrentadas por eles. Na mídia, as representações de idosos como pessoas frágeis e impotentes apenas fortaleceram estereótipos ao colocá-los como pertencentes a um mesmo grupo, uniforme e indefeso, desconsiderando a diversidade do processo de envelhecer (Ayalon, 2020).

Em contrapartida, o momento de isolamento também trouxe importantes movimentações de aproximação ao mundo das artes, como forma de liberação de sentimentos e emoções. De acordo com Guedes, Guedes & Almeida (2011), a prática de atividades de expressões artísticas por parte de idosos está relacionada à melhoria de capacidades motoras, com benefícios à satisfação e à autoestima.

Tendo em vista o exposto, o presente projeto buscou investigar os significados de envelhecer para os sujeitos idosos e de que maneira a arte poderia influenciar na construção desses significados, especificamente no contexto pandêmico.

A pesquisa foi dividida em três etapas, que consistiram em: levantamento bibliográfico, coleta de dados e análise dos dados. A primeira etapa teve como atividades principais o levantamento bibliográfico acerca do tema, seguido pela leitura do material relevante à pesquisa. Foram realizadas no total três entrevistas com cada participante, com um intervalo de uma semana entre elas. As entrevistas semiestruturadas individuais tiveram temáticas em cada um dos encontros, com questões que evocaram narrativas, reflexões sobre a vida dos indivíduos e o contexto no qual essas histórias estão inseridas.

Após a realização das entrevistas, todo material coletado foi transcrito integralmente. A análise dos dados coletados foi feita a partir de uma combinação entre a

análise do discurso e do método psicanalítico. Com base nas leituras do material transcrito, foi possível elaborar categorizações temáticas, criadas a partir dos objetivos iniciais da pesquisa. Foram organizadas três grandes categorias, cada uma abarcando sub tópicos relacionados ao tema: a velhice; a pandemia e a arte. Veremos mais a fundo sobre cada uma delas no capítulo intitulado “Apresentação dos dados”.

1.1. O conceito de envelhecimento

É possível estudar o processo de envelhecer de acordo com suas diferentes dimensões, as quais possuem igual relevância, mas que podem assumir diversos graus de influência na vida do indivíduo de acordo com o momento vivido.

Se observarmos esse fenômeno sob o aspecto biológico, estaremos nos referindo à esfera fisiológica, que inclui principalmente alterações das funções orgânicas, como o enfraquecimento do sistema imunológico e maior suscetibilidade a infecções respiratórias; às alterações morfológicas, reveladas pela aparência, com o surgimento de rugas e dos cabelos brancos; e às modificações bioquímicas, como as presentes na atividade de neurotransmissores. É comum, em nossa sociedade ocidental, que estabeleçamos uma relação entre essa dimensão do envelhecimento e o conceito de senescência, que seria o período da vida marcado por decaimentos no funcionamento físico associados à idade. No entanto, é importante ressaltar que esse declínio é um processo singular e começa em idades diferentes para pessoas diferentes (Papalia & Feldman, 2013).

No âmbito social, as modificações podem ser percebidas por meio de alterações nas relações humanas, decorrentes da diminuição da produtividade, do poder físico e econômico. Tais mudanças estão diretamente ligadas aos sistemas de produção vigentes, sendo especialmente observadas nos países capitalistas (Santos, 2010). Nesse sentido, outras mudanças no cotidiano do sujeito idoso e das relações ao seu redor podem contribuir para o aumento do sofrimento, como: maior suscetibilidade ao adoecimento, perda de pessoas queridas, aumento do isolamento social e diminuição da autonomia em tarefas diárias.

Quanto ao envelhecimento psicológico, enfoque do presente estudo, temos ainda três subdivisões que envolvem as dimensões cognitiva, emocional e funcional. Com

relação a esta última, o processo de envelhecer pode trazer uma diminuição da capacidade funcional. Geralmente, essa capacidade, que consiste em realizar atividades básicas na vida cotidiana, diminui gradualmente, impedindo, em alguns casos, o indivíduo de continuar tendo uma vida independente e autônoma. A essa perda de habilidades e dificuldade em executar tarefas diárias estão associadas, geralmente, limitações físicas e cognitivas.

A diminuição da capacidade funcional pode ter implicações no envelhecimento emocional e produzir impacto nas funções diretamente responsáveis pela gestão das emoções. Os principais efeitos que podem surgir a partir desse processo são: tendência a intransigência; maior suscetibilidade à ansiedade e à depressão; sintomas hipocondríacos, autodepreciativos e de passividade; conservadorismo de caráter e de ideias; e intensificação de traços obsessivos (Souza, 1998).

O envelhecimento psicológico também abarca as modificações cognitivas, exigindo que o indivíduo se adapte às novas situações a serem enfrentadas em seu cotidiano. Dentre as principais modificações na cognição ao longo do processo de envelhecer destacam-se, clinicamente, de acordo com Argimon (2006): a redução da atenção, das memórias contextual e de trabalho, e uma diminuição na velocidade do processamento de informações.

Ainda que o processo de envelhecer seja subjetivo e único para cada sujeito, dado o seu caráter multifatorial, ocorrências culturais, sociais, econômicas e políticas compõem a base para as estruturas psíquicas que são produzidas. Dessa maneira, destacam-se experiências psicológicas frequentemente associadas à velhice e que, no entanto, não se verificam obrigatoriamente na vida de todos os indivíduos idosos. São elas: luto, sofrimento, solidão, limitações corporais, demência, depressão e sentimentos em relação à cultura (pertencimento e não pertencimento). Os conceitos de amadurecimento e sabedoria também podem estar associados a essa dimensão do envelhecimento; contudo, não ocorrem de maneira naturalmente progressiva: dependem do esforço pessoal empregado na busca do autoconhecimento e do sentido da vida (Moraes, Moraes, Lima, 2010).

De maneira a pensar a velhice para além do que encontramos no imaginário social, Berlinck cunha o conceito de “envelhescência”, para diferir do “envelhecer”, comumente associado a uma etapa da vida inferior em relação às demais. Sobre a envelhescência,

Soares (2021) diz: “é o trabalho psíquico na velhice, no sentido psicanalítico – como um trabalho de elaboração –, que tem especificidades relativas a essa fase da vida. A velhice, como envelhescência, é um tempo psíquico de rever a história pessoal, dentro de um contexto histórico mais amplo” (p.20). Ao longo de todo este trabalho, retomaremos o conceito de Berlinck como norte para refletir sobre um processo de envelhecimento mais ativo e autêntico ao sujeito que envelhece.

1.2. Problematização

Sobre o processo de envelhecer, afirmam Minayo & Coimbra (2002): “cada pessoa vivencia essa fase da vida de uma forma, considerando sua história particular e todos os aspectos estruturais (classe, gênero e etnia) a ela relacionados, como saúde, educação e condições econômicas” (p. 14). Assim, enxergar o envelhecimento como sendo apenas um momento da vida marcada por perdas e incapacidades contribui para a propagação de preconceitos em relação a essa fase. Atualmente, o termo “ageismo” vem sendo cada vez mais usado para representar a intolerância em relação a indivíduos de uma determinada faixa etária (Petretto & Pili, 2020), e a maioria dos estudos encontrados sobre o assunto está centrada em idosos e na discriminação com base na idade cronológica.

A pandemia de COVID-19 evidenciou o ageismo e outros estereótipos da velhice, incitando discursos preconceituosos contra idosos na *internet*. As ideias associadas a esses pré-julgamentos são prejudiciais à sociedade, uma vez que reduzem um grupo extremamente heterogêneo a uma única visão distorcida. Idosos e jovens são prejudicados com essa ideia, pois podem interiorizar essa imagem e projetá-la em seu próprio envelhecimento (Silva, Silva, Bacurau, Francisco, Assumpção, Neri, 2021). Consequências graves do preconceito durante a pandemia puderam ser observadas pelo abandono de pessoas idosas e pela negligência em relação às suas necessidades (MorrowHowell, Galucia, Swinford, 2020).

Em um movimento contrário a esse processo, de acordo com Kollor & Nathan (1986), a investigação da psicogerontologia busca dissipar os estereótipos da pessoa idosa enquanto frágil, dependente, pobre, assexuada e infantil, substituindo essas visões por uma descrição mais aproximada do que ser adulto na maturidade tardia representa. Alinhado a isso, o presente estudo tem como proposta investigar os significados da velhice para além das perdas. Pretendeu-se pesquisar isso por meio da relação dos idosos com a

arte, pois, como pontuado por Donald Winnicott (1971), “a obra de arte é um espaço de experiência em que se articulam paradoxalmente, constitutivamente, o sujeito psicológico e o mundo” (p. 114).

É necessária uma desconstrução do nosso olhar para o envelhecer se quisermos caminhar em direção a um envelhecimento saudável tanto no plano individual quanto no social, tomando como referência o pensamento de Hillman (2001), de que a pior patologia da velhice é a nossa própria ideia de velhice.

1.3. Objetivos

A pesquisa objetiva realizar um estudo sobre o envelhecimento e sua relação com a arte durante a pandemia de COVID-19. O objetivo primário deste projeto é investigar os significados que a pessoa que envelhece atribui para o próprio processo de envelhecimento, bem como analisar a maneira pela qual a arte pode influenciar na construção desses significados, especificamente no contexto pandêmico. Os objetivos secundários, por sua vez, são: investigar como a relação com a arte se modificou com o passar dos anos; e analisar as obras artísticas enviadas pelas participantes.

2. Método

2.1. Tema

Envelhecimento e arte.

2.2. Delimitação do tema

Significados do processo de envelhecer e da arte para idosos que estão envolvidos em atividades artísticas durante a pandemia de COVID-19.

2.3. Problema

O que envelhecer significa para o sujeito que envelhece? De que maneira a relação com a arte influencia na construção (ou na transformação) desse significado?

2.4. Desenho geral da pesquisa e procedimentos

O presente projeto classifica-se como uma pesquisa qualitativa, que utiliza como investigação a abordagem narrativa e o método psicanalítico. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas como eixo central para o desenvolvimento do estudo.

A pesquisa qualitativa é caracterizada, principalmente, por sua abordagem interpretativa, a qual implica em um pesquisador que procura entender ou interpretar fenômenos de acordo com os significados conferidos pelas pessoas participantes. No presente estudo, buscou-se compreender o que o processo de envelhecer representa para o sujeito idoso e de que maneira a relação com a produção de arte influencia essa representação, especialmente durante a pandemia de COVID-19.

O termo “narrativa”, conforme utilizado pela Psicologia, refere-se à história ou ao relato que um indivíduo fornece de sua experiência, de acontecimentos ou de pessoas, do presente ou do passado (Breakwell, 2006). Dessa maneira, foram reunidas experiências e histórias de vida, bem como informações sobre o contexto no qual estão os participantes estão inseridos (lugares ou situações específicas).

A entrevista é um instrumento de pesquisa que, usualmente, envolve a troca direta e verbal entre pesquisador e entrevistado. Nesse caso, foi solicitado às participantes que contassem sobre suas histórias de vida, suas trajetórias, relatassem experiências marcantes

e respondessem às questões referentes à percepção do próprio envelhecimento e de sua relação com a arte.

A presença investigativa da metodologia psicanalítica é marcada pelo discurso livre do sujeito entrevistado, que encontra uma escuta flutuante por parte da entrevistadora. De acordo com Laplanche e Pontalis (2011), a base para a escuta flutuante consiste na maneira pela qual o entrevistado deve ser escutado: "[...] não se deve privilegiar a priori qualquer elemento do discurso dele, o que implica que deixe funcionar o mais livremente possível a sua própria atividade inconsciente e suspenda as motivações que dirigem habitualmente a atenção" (p. 40).

Diante do exposto, os procedimentos para a realização deste projeto foram elencados, de maneira resumida, nos seguintes itens:

Passo 1: Realizar levantamento bibliográfico a respeito da temática do envelhecimento e da produção artística por idosos;

Passo 2: Entrar em contato com os participantes, verificando interesse em participar da pesquisa;

Passo 3: Agendar horários para a realização das entrevistas;

Passo 4: Realizar as entrevistas, que foram feitas em três *encontros* online com cada um dos participantes. Foi feito um encontro por semana, durante um período de três semanas. Todos os encontros foram gravados, incluindo som e imagem;

Passo 5: Manter um diário próprio para descrição de percepções pessoais durante e após as entrevistas;

Passo 6: Transcrever o conteúdo das entrevistas;

Passo 7: Analisar os dados coletados; Passo

8: Elaborar a discussão e conclusão;

Passo 9: Escrever a pesquisa.

2.5. Instrumentos

Os instrumentos utilizados para investigação foram principalmente as anotações feitas em um diário durante as entrevistas e os aplicativos de comunicação *WhatsApp* e

Google Meet. Para avisos e envio do *link* para entrevista, foram encaminhadas mensagens pelo aplicativo *WhatsApp*. As entrevistas foram realizadas semanalmente, ao longo de três semanas, através da plataforma *Google Meet*, a qual permitiu a gravação das mesmas.

2.6. Características e critérios de seleção dos participantes (critérios de inclusão e de exclusão)

As participantes desta pesquisa atenderam aos seguintes critérios: ser idosa (acima de 60 anos); membra de um curso *online* de arte, podendo estar inscrito em qualquer categoria de atividades artísticas visuais (pintura, desenho, recorte-colagem, modelagem e tecelagem) há pelo menos seis meses; demonstrar interesse em participar da pesquisa e assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Foram selecionadas, no total, duas participantes.

2.7. Condução dos procedimentos éticos

A coleta de dados foi realizada mediante aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

Durante o desenvolvimento da pesquisa, foram seguidos todos os protocolos éticos definidos pelas normas nacionais, especialmente as Resoluções nº 466 de 2012 e nº 510 de 2016, ambas exaradas pelo Conselho Nacional de Saúde. Apenas participaram do estudo aquelas que voluntariamente se dispuseram a integrar a pesquisa, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Dado o caráter narrativo da pesquisa, as participantes estiveram em contato com a rememoração constante de experiências marcantes e foi necessário antever os possíveis desafios que envolveriam esse processo: poderiam sentir um desconforto anormal, recordar momentos de vida dolorosos, experimentar certa agitação e emoções fortes ou intensas. Caso isso ocorresse, a pesquisadora deveria garantir que o momento para elaborar essas emoções fosse concedido, estando presente até que a entrevistada estivesse acalmada. Caberia a pesquisadora, também, certificar-se com antecedência acerca de onde a participante poderia encontrar aconselhamento ao enfrentar temas delicados.

A característica remota das entrevistas também trouxe algumas especificidades, comumente encontradas no ambiente virtual. Dessa maneira, durante a condução dos encontros virtuais, nos deparamos com problemas técnicos, como a falha do sinal da internet, o não funcionamento dos aparatos utilizados na vídeo-chamada e a intromissão de outras pessoas no ambiente físico onde participante e pesquisadora se encontravam. Além disso, houve a possibilidade de violações e hackeamento durante as chamadas de vídeo. Caso isso ocorresse, seria responsabilidade da pesquisadora encerrar a chamada e iniciar uma nova, com a utilização de senha da sala. Portanto, por haver estes eventuais impedimentos, constata-se essa limitação para assegurar total confidencialidade dos dados.

Em contrapartida, dentre os possíveis benefícios diretos envolvidos na colaboração das participantes, destacam-se: sentimento de serem ouvidas, validação de sentimentos, compartilhamento e ressignificação de experiências. As perguntas feitas durante as entrevistas puderam suscitar reflexões a respeito do processo de envelhecimento, e um espaço para escuta da vivência do idoso, muitas vezes não permitido pela sociedade, foi concedido. Além disso, as imagens das atividades artísticas dos mesmos foram compartilhadas com a pesquisadora, que também fez perguntas sobre o processo de produção, evocando elaborações sobre as mudanças produzidas pela arte.

2.8. Coleta dos dados

Para a realização desta pesquisa, foram contatadas pessoas conhecidas pela pesquisadora que atendiam aos critérios de seleção estabelecidos. A proposta do projeto foi explicada em detalhes via *Whatsapp* e o TCLE foi enviado em formato PDF por este mesmo meio de comunicação. Ao concordar em participar da pesquisa após ter lido o documento e ter tido todas as eventuais dúvidas sanadas, solicitou-se que a pessoa acessasse um link (<https://forms.gle/LGf32CeV4uxRdbwc9>), disponibilizado no TCLE, que a encaminhou para um formulário do *Google*, onde ela registrou o consentimento. Após esse registro, o agendamento das entrevistas foi combinado entre as partes.

Foram realizadas no total três entrevistas com cada participante, com um intervalo de uma semana entre elas. As entrevistas semiestruturadas individuais tiveram temáticas em cada um dos encontros, com questões que evocaram narrativas, reflexões sobre a vida dos indivíduos e o contexto no qual essas histórias estão inseridas.

Durante o primeiro encontro, cujo tema foi “O que o envelhecimento representa”, foram feitas às participantes perguntas sobre o significado de envelhecer e o que o envelhecimento representa para elas, de maneira que puderam contar narrativas de sua vida toda, com enfoque na velhice e nos dias atuais marcados pela pandemia.

No segundo encontro, cujo tema principal foi “Narrativas sobre a vida e a relação com a arte”, perguntas sobre a relação dos participantes com a arte foram feitas, bem como, foi solicitado que enviassem previamente obras artísticas produzidas por elas para serem apresentadas e explicadas durante o encontro.

Em um terceiro momento, houve uma nova entrevista, com o tema “Envelhecimento e arte” para investigar de que maneira a influência da arte é sentida no processo de envelhecer, com perguntas a respeito do momento atual de produção artística.

Todos os encontros aconteceram por meio da plataforma de reuniões online *Google Meet*, permitindo que as entrevistas fossem gravadas de maneira integral, com som e vídeo em alta qualidade de resolução. Durante as entrevistas, a pesquisadora utilizou um diário de anotações no qual escreveu as próprias percepções durante e após os encontros. Além disso e, principalmente, a pesquisadora manteu uma escuta sustentada na técnica da atenção livre e flutuante (Caon, 1994; Iribarry, 2003).

2.9. Tratamento dos dados

Após a realização das entrevistas, todo material coletado foi transcrito integralmente. O tratamento dos dados coletados foi feito a partir de uma combinação entre a análise do discurso e do método psicanalítico. Em um primeiro momento, foi feita a leitura da transcrição das entrevistas como um texto que apresenta materialidade simbólica própria e significativa (Silva, 2005). Nesta leitura inicial não foram privilegiados os elementos do texto, mas, a ação do inconsciente da pesquisadora, o qual norteou as teorizações que serviram como alicerce aos eixos interpretativos.

Em seguida, utilizando o método psicanalítico, o principal recurso foi a interpretação, a qual se fundamenta nos conceitos de inconsciente, subjetividade, realidade dada e estranheza (Conte, 2004).

3. Apresentação dos dados

3.1. Descrição das participantes

3.1.1. Participante 1

A primeira participante é uma mulher de 71 anos, habitante de Minas Gerais, a qual passaremos a nos referir como “P1”. Suas atividades artísticas são principalmente o crochê e o bordado. Durante as entrevistas, ela relata que aprendeu a costurar por conta da tradição da família, da parte das mulheres, passada de geração para geração. A lição de costura que primeiro aprendeu com a mãe foi a fiação: colher o algodão, processá-lo, fazer o fio, para então colocar no tear e tecer. Depois veio o bordado, com o ponto-cruz, seguido do vagonite e ponto russo. O crochê apareceu mais tarde em sua vida e aprendeu sozinha, quando já era casada e ficava em casa cuidando dos filhos pequenos.

P1 revela que “ama” bordar e fazer crochê, pois são atividades que conseguem relaxá-la quando começa a ficar nervosa, e que gosta muito de criar novas peças para decorar seu lar, misturar fios de cores diferentes e sempre aperfeiçoar suas técnicas. Além disso, de acordo com ela, esses trabalhos manuais foram de extrema importância durante a pandemia de COVID-19, já que passava a maior parte do tempo em casa, sem contato com outras pessoas.

Antes da pandemia, a senhora P1 trabalhou em uma loja de defensivos agrícolas, como auxiliar de limpeza, por 21 anos. Uma vez que fazia parte de um dos principais grupos de risco da doença, teve de parar de trabalhar na loja e decidiu se aposentar. Esse é um período lembrado por ela com muito pesar, visto que gostava muito do trabalho e de seus colegas que via todos os dias. Ademais, ela associa o surgimento de dores no joelho com esse momento em que passou a ficar “parada em casa”.

Na época em que fizemos as entrevistas, P1 havia ficado viúva há então seis meses de seu companheiro de vida, com quem estava casada há mais de quarenta anos. Ela relatou ainda estar se adaptando ao fato de que ele não estaria mais ao lado dela. A entrevistada disse sentir muita falta do esposo, e que naquele momento estava tentando se ocupar para não se sentir tão sozinha: visitava o irmão em outra cidade, passava temporadas morando com as filhas, e redescobriu o prazer de andar sozinha pelas ruas, sem hora certa de voltar para casa.

Quanto ao seu próprio processo de envelhecimento, P1 encara a velhice como mais uma etapa natural da vida, e decide não ceder às pressões estéticas da sociedade ocidental atual. Gosta de seus cabelos brancos e prefere mantê-los assim. Diz que não se preocupa quando percebe que já não tem mais a mesma habilidade para fazer certas tarefas. Sua preocupação maior vem de seu medo de ficar doente e não ter saúde para fazer suas atividades “básicas” de casa sozinha.

3.1.2. Participante 2

A segunda participante é uma mulher de 68 anos, artista especializada em pinturas, a qual passaremos a nos referir como “P2”. A história dela com a arte começa bem cedo, ainda no primário, quando as professoras elogiavam seus desenhos e a incentivaram a desenhar. Mais tarde, decide cursar Belas Artes e, ao se formar, passa a dar aulas de História da Arte para adolescentes na escola. Segue assim por mais 26 anos e, ao se aposentar, continua fazendo cursos, se associando a ateliês de amigos artistas, e trabalhando com exposições próprias.

P2 conta que seu marido faleceu pouco antes de ela se aposentar, quando seus filhos ainda eram jovens. Por tal motivo, ela teve de trabalhar muito para sustentá-los sozinha. Quando já estavam crescidos, os filhos – uma mulher e um homem – mudaram-se da cidade onde residiam e incentivaram a mãe a fazer o mesmo. Na época em que as entrevistas foram feitas, a senhora P2 já estava na outra cidade há quase três anos, mas dizia que ainda era difícil se acostumar, visto que mudou apenas um pouco antes de a pandemia de COVID-19 começar.

Para ela, a arte também teve um papel fundamental durante esse período, e diz que pôde ser salva pela pintura enquanto esteve sozinha em seu apartamento. Morando apenas com sua cachorrinha, disse que ficava muito triste por não poder ver os filhos ou voltar a sua antiga cidade, algo que fazia corriqueiramente. Sua única alternativa foi voltar-se aos seus quadros, pintando dia e noite, pincelando o que ainda estava sob seu controle.

Sobre sua velhice, P2 afirma que prefere não pensar muito nisso, mas que gosta de se cuidar e de se vestir sem “roupas caretas”. Sua principal preocupação é de ficar dependente de outra pessoa para sobreviver, e diz que viver em uma cidade tão grande quanto a que se encontra agora dificultaria esse processo.

3.2. Análise dos dados

Com base nas leituras das transcrições integrais das entrevistas, foi possível elaborar categorizações temáticas, criadas a partir dos objetivos primários da pesquisa. As categorias foram determinadas de acordo com a ordem das entrevistas temáticas e consideram todos os objetivos pré-estabelecidos neste trabalho. São elas: “a velhice”, com os subtópicos “o próprio processo de envelhecer”, “sobre estar só” e “o corpo”; “a pandemia de COVID-19”, com os subtópicos “o impacto”, “aposentadoria” e “arte na pandemia”; e “a arte”, com os subtópicos “a história com a arte”, “arte em curso” e “envelhecimento e arte”. Vale dizer que os objetivos secundários “investigar como a relação com a arte se modificou com o passar dos anos” e “analisar as obras artísticas enviadas pelos participantes” foram contemplados na categoria “arte”.

3.2.1. A velhice

3.2.1.1. O próprio processo de envelhecer

No relato das duas participantes, há um aspecto comum ao refletirem sobre como se sentem frente ao próprio envelhecimento: resignação. A velhice é uma etapa natural da vida. Assim, na perspectiva delas, não é preciso pensar muito sobre o assunto, é apenas mais uma fase a ser vivida.

*“Eu não tenho dificuldade com envelhecer, não. Nunca tive. **Eu sempre sabia que eu ia envelhecer.** Eu achava assim: ‘se você me falar que eu tô velha’, eu estou velha. Não me importo, não. (...) Então é tranquilo, eu não ligo. Não importo, **eu acho que a velhice faz parte da vida, né?** Porque se a gente não quiser envelhecer, vai ter que morrer. Eu não quero. Então pra mim eu não ligo, é tranquilo. Não me importa se me chamar de ‘vovó’, de ‘senhorinha’, me chamar de ‘tia’. Eu não ligo pra isso, sabe?”* (Relato de P1, grifos da autora).

*“E - Como tem sido pra você vivenciar esse processo de envelhecer?
P2 - É tranquilo, eu não fico com aquilo na cabeça, como eu te falei, pensando ‘nossa, tô ficando velha’ (...) É um processo, na verdade, mas, assim, **a gente não pode pensar demais, não (...)** senão, não vale a pena. Mas você tem que fazer esse processo (...) A vida vai seguindo e você vai acumulando seus conhecimentos, suas experiências e o importante é você pensar lá na frente (...) que você vai envelhecer um dia e que aquilo ali vai ser útil pra você, né?”*

(...) mas eu não fico pensando nisso, não, sabe? Isso aí eu procuro não pensar, não ter neura” (Fragmento da entrevista com P2, grifos da autora).

A velhice social, conforme afirma Soares (2021), é determinada pela sociedade, e é o sujeito idoso que assimila esse “lugar do velho”, por uma via naturalizada. Apresentam-se, assim, as denominações para fazer referência ao velho no campo social: velho, idoso, sênior, terceira idade, ancião e até melhor idade. Cada um desses termos carrega diferentes significados, a depender do contexto e maneira que são usados. Uma das participantes expressa sua indignação com tais expressões, que são muito utilizadas atualmente.

“(...) igual essa tal de terceira idade. Esse nome nunca vi tão chato na vida. Melhor idade (...) é ridículo. Que melhor idade, que chatura isso. Melhor idade é qualquer uma (...) idade? É boa? Você que tem que saber levar aquela idade, né? E enfim, você que tem que ir seguindo e seguindo. A cada dia se renovar, aprender e ter consciência que realmente um dia vai acabar” (Relato de P2, grifos da autora).

Essas designações mais recentes – “terceira idade” e “melhor idade” –, advindas da Gerontologia, buscam desassociar os estigmas depreciativos que acompanhavam os termos “velho” e “idoso”. No entanto, ainda de acordo com Soares (2021) “muitas vezes, elas são utilizadas como negação do envelhecimento orientado por ideologias e valores dos jovens”. O que a entrevistada P2 traz é justamente a sua revolta com as denominações que parecem servir de eufemismo para a realidade da velhice.

Quando questionadas sobre momentos em que perceberam estar mais velhas, as entrevistadas evocaram situações que foram marcantes a elas. P1 fala sobre perceber que não tem mais a mesma habilidade que tinha antes, e P2 sobre o sentimento de inadequação, ao estar com um grupo mais jovem que ela, composto por amigos da sua filha.

“Eu só acho que assim, às vezes, bate aquela coisa assim: ‘Ih (...) não consegui fazer aquele tipo de trabalho porque agora eu não consigo mais’ (...). Quando eu vou, por exemplo, eu vou cortar um frango, e eu falo assim ‘é, não tenho força mais’, não corta, não vai, tem que bater. Mas aí também não tem problema não.

(...) Aí eu deixo pros outros fazerem, não importo, não. Eu falo assim ‘ah, já não dou conta mesmo’, então os novo tem que aprender, não tem?” (Relato de P1, grifos da autora).

“(...) ela me levava em todo lugar com ela, com o namorado e tal, bonzinho, porque casou com ele, é uma gracinha. E (...) mas assim, pessoal muito legal, muita gente de Minas que é amigo dela, sabe? Pessoal

*tratava de igual para igual, conversava e tal, mas não era a mesma coisa, né? **Você sente que é um peixe meio fora d'água.** O assunto é outro, né? Outras palavras, né, que às vezes é diferente, umas gírias que eu nem conheço.*

*(...) Dependendo do ambiente, é (...) eles me levavam quando tinha jogo do Brasil, aquele monte de gente (...). **Aí eu sentia (...) eu como uma das poucas, sabe, da minha idade, lá naquele meio, sabe?** Eu não ficava muito constrangida, mas eu percebia, sabe? Às vezes ficava meio assim, mas eu procuro não deixar aquilo me perturbar, não. **Que não vale a pena** (Relato de P2, grifos da autora).*

3.2.1.2. Sobre estar só

Não é raro encontrarmos no imaginário social a imagem do envelhecimento associada a perdas, luto e solidão. Com o passar dos anos, os sujeitos que envelhecem sofrem com a perda de pessoas próximas, amigos queridos, parentes e cônjuge. No caso de P1, na época das entrevistas, fazia seis meses que ela havia perdido seu marido, companheiro de vida há mais de 40 anos. Em seus relatos, ela fala sobre sentir a falta dele em seu cotidiano, mas não somente sobre isso: retrata principalmente as mudanças em sua vida e seu processo para se adaptar a elas.

*“P1 - Eu tenho que ter a minha rotina (...) pra mim, né? **Porque agora eu não vou ter ninguém, né?** Então, eu preciso disso. Eu tenho o meu dia pra lavar, pra passar, sabe? Tem meu dia pra limpar, sabe? Eu gosto de ser assim (...). Na parte da tarde eu complemento com meus crochezinhos, bordados, minhas coisas.*

*(...) Gosto de ir nas lojas, andar, ver as coisas, sabe? Pra mim é assim (...) parece que (...) eu tô (...) ah, flutuando, porque assim, é coisa que a gente quase não faz, né? **É raramente que a gente faz isso, né? Então eu gosto. Eu gosto de andar sozinha.***

E - Mas a senhora diz raramente porque antigamente não fazia?

*P1 - **É, não fazia, não fazia (...).** Antes eu tinha meu esposo, eu **preocupava com ele.** Eu tinha que ter, né? A hora pra voltar, pensar ‘ah, estou demorando’. Esse tipo de coisa, né? Vai preocupar. Hoje em dia, não. Eu tô sozinha, então eu já saio e falo assim, ô ‘**não precisa preocupar, vou comer por lá, vou né?**’” (Fragmento da entrevista com P1, grifos da autora).*

3.2.1.3. O corpo

Quanto ao aspecto físico do envelhecimento, as entrevistadas demonstraram ter uma boa relação com os corpos e boa autoestima, conquistada através dos anos. Preferem escolher a maneira como vão se vestir e de que jeito vão deixar os cabelos, ao invés de ceder às pressões estéticas da sociedade.

No entanto, é também no corpo que se localizam suas maiores preocupações, que envolvem a perda da saúde física e a consequente dependência de terceiros para sobreviver.

*“Tem gente que quer fazer plástica, porque não quer ter ruga, né? Eu, não. Eu não quero (...). Gosta de pintar o cabelo pra não ter cabelos brancos. Eu não ligo (...). Já pintei na verdade, quando eu tinha poucos fiozinhos brancos, eu pintava, e pintava mais pelos filhos: ‘ah, não, pinta o cabelo, pinta o cabelo!’ (...) **Depois, eu mesma decidi: eu vou ficar com os cabelos brancos**, aqui ó (faz um gesto para soltar os cabelos e puxa uma mecha para me mostrar). Natural o meu cabelo. **Então, eu fico de cabelo branco, eu me sinto bem, eu gosto** (...) então assim, graças a Deus, eu tenho saúde (...) pra mim é o importante”* (Relato de P1, grifos da autora).

*“Faço meus controles de saúde, anuais e tal, sabe? E gosto de me cuidar, faço minha ginástica e tudo (...) sabe? **Não gosto de vestir aquelas roupas caretas, não gosto** (...). Então meu cabelo mesmo, todo é mais (...) coisa. Assumi meus anelados depois, já tava com meus filhos já grandinhos, sabe? Meu marido já tinha morrido. Então, assim, eu acho que você tem de ir renovando dia a dia, sabe? Parar com essa neura de (...) tirar esse troço de melhor idade, besteira”* (Relato de P2, grifos da autora).

*“(...) **a preocupação que a gente tem assim é medo de ficar doente**, alguma coisa assim. (...) A falta mesmo é aquela que a gente não tem mais a mesma força que a gente tinha, a gente não tem mais aquela habilidade né, então tem vezes que a gente tenta e vê que não tem mais”* (Relato de P1, grifos da autora)

*“O que me deixa preocupada é a dependência. Eu nunca gostei de ficar dependente de ninguém, uma coisa que minha mãe sempre falou (...) pra ser mais independente e aqui em [cidade onde vive atualmente] eu sinto muito isso porque a cidade, eu acho difícil né? De viver. E eu fico dependente de filho, por aqui, por ali. E envelhecer acho uma coisa além de doença, né? **Que a gente preocupa em adoecer, porque você vai envelhecendo e o organismo vai mudando**, mas eu não preocupo por pensar, ficar com isso na cabeça, não, sabe? Porque isso não é legal, né? Deixa qualquer um biruta”* (Relato de P2, grifos da autora).

3.2.2. A pandemia de COVID-19

3.2.2.1. O impacto

Desde o início da pandemia, os idosos foram considerados como “grupo de risco” da doença, fator justificado por médicos pela maior incidência de doenças pré-existentes nessa população. Diante desse cenário, cresceram os ataques contra os mais velhos, incitados por preconceitos e estereótipos que pairam em nossa sociedade atual. Os relatos das entrevistadas aprofundam o entendimento da vivência subjetiva dessa fase de isolamento social e o impacto das regras de quarentena.

*“(...) eu só queria que essa pandemia acabasse de vez, né? Pra gente ter mais liberdade. Porque é muito difícil (...). **Porque afetar, afetou demais, né?** Não só pra mim, pra mais pessoas ainda (...). Ainda deu pra ver os filhos, mas aí ficou bem ruim né? E não dava pra viajar, essas coisas. E a maioria, assim (...) todos eles, praticamente, moram fora, né. Muito longe. Então a gente não podia viajar e ficava nisso, né? O que mora aqui em Minas ficava levando as coisas pra gente, pra não ficar só em casa (...) Muito ruim, viu? Muito ruim mesmo. **Ficar isolado é muito triste**” (Relato de P1, grifos da autora).*

*“Bom, **no início parece que você tá hipnotizada, que aquilo não tá acontecendo, né?** Porque eu tive de ficar, dentro do apartamento, eu e minha cachorrinha. Fiquei lá dentro três meses, fechada e (...) minha filha batia na campainha: ‘Mãe, to indo levar aí’ (...) fazia supermercado e deixava na porta pra mim (...) **Eu acho que a gente ficou com a liberdade bem restrita, né?** Perdeu muito (...) a liberdade, principalmente quem é mais velho e tal, que eu não me acho mais velha, mas na verdade o organismo altera depois dos 60, né? Todo mundo, né, fica preocupado com isso. E (...) mas eu acho que a liberdade, sabe? De ir e vir mesmo, de ir num cinema que eu gosto, de ir em teatro, sabe? (Relato de P2, grifos da autora).*

Há algo em comum nesses relatos: ambas as entrevistadas se queixam do isolamento imposto. Antes da pandemia, estavam engajadas em diversas atividades fora de casa, conseguiam encontrar os filhos com certa frequência, tinham uma vida rica de afazeres e relações sociais. Com as restrições da pandemia, a autonomia também lhes foi retirada e passaram a depender de outras pessoas, geralmente os filhos, para garantir que as compras fossem feitas e as contas pagas.

Como forma de lidar com esse período vivido, veremos mais à frente como as participantes conseguiram deslocar o investimento em objetos externos para alternativas prazerosas propiciadas por elas mesmas por meio da arte.

3.2.2.2. Aposentadoria

Em uma sociedade que sempre enalteceu o trabalho e a produção, a aposentadoria pode ser vista como um marco angustiante para aqueles que se aposentam. Em especial na velhice, essa transição, esse “voltar-se para os aposentos”, pode fazer com que os idosos pensem que não são mais úteis ou necessários.

Durante a pandemia, a participante P1 viu-se obrigada a parar de trabalhar por conta das restrições impostas aos mais velhos, e ao perceber que poderia demorar muito a voltar ao trabalho, decidiu se aposentar. P1 trabalhou por 21 anos fazendo a limpeza de uma loja de defensivos agrícolas, e relatou com ressentimento o período de saída do emprego.

*“(...) mas aí veio a pandemia, né? Aí eu parei. **Parei assim, não foi que eu pensei: ‘ah, vou parar de trabalhar’.** Não. **Fiquei em casa, em casa, em casa, em casa (...).** Foi até que acabou. No início eu sofri muito, mas depois, até que acostumei. Ninguém tava saindo, pessoal tava trabalhando, mas eu sou idosa, não posso ficar lá (...). É uma loja que tinha muita gente.*

*(...) **Eu chorei muito quando parei de trabalhar.** Foi muito tempo de trabalho, eu vi muita gente entrar e sair do trabalho, né? E eu sempre fiquei ali”* (Relato de P1, grifos da autora).

“E - A senhora acha que a pandemia afetou em qual sentido?”

*P1 - Ah, acho que nesse sentido, né? **Que eu parei de trabalhar. Deu problema no joelho, então eu falo assim, ‘que tudo foi de ficar em casa’.** Mas tá bom, é assim mesmo, né?”* (Fragmento da entrevista com P1, grifos da autora).

3.2.2.3. Arte na pandemia

O período de pandemia trouxe muitas mudanças às vidas das participantes, como estarem sozinhas durante a maior parte do tempo e restringir suas atividades àquilo que podia ser feito dentro de casa. No entanto, ambas revelam que encontraram saídas extremamente satisfatórias para elas: a arte.

*“**Eu sinto bem, que eu não tenho preocupação.** É o que eu mais faço e faço mais por isso (...) ainda mais agora que a gente fica sozinha (...) a gente faz mais, né? (...) A gente quer mais, sempre tá fazendo.*

*(...) assim, eu acho que eu fiz mais durante a pandemia. Porque eu não saí, aí acho que fiz mais. Eu fiz bastante, muito pano de prato, fiz muita coisa na época. **Distrai né, ninguém vinha na casa da gente, a gente não podia sair, era a distração que tinha**”* (Relato de P1, grifos da autora).

*“**Eu acho que a pintura me salvou na pandemia, sabe? Porque eu fiquei***

presa no apartamento sozinha, porque eu fico (...) eu vou muito a [cidade onde vivia], né? Que eu sou de lá e não pude ir (...) E a pintura me salvou mesmo, porque eu pintava, muitas vezes, de tarde até de noite. No final de semana (...) domingo eu ficava lá, os meninos levavam as coisas pra mim. Eu e minha cachorrinha, então me salvou mesmo. Eu pintei, eu acho que eu melhorei sabe, o trabalho meu com esse processo da pandemia” (Relato de P2, grifos da autora).

3.2.3. A arte

3.2.3.1. A história com a arte

As atividades artísticas desempenham um papel muito importante na vida das mulheres entrevistadas. Veremos a seguir que suas histórias com a arte começaram bem cedo, desde a infância.

“P1 - A gente foi assim (...) na minha época, era o que as mulheres aprendiam, né? Daí ninguém trabalhava fora, a gente não tinha (...) não estudava né, então fazia lá o primário e isso e pronto. A gente ia aprender a fazer o crochê, né (...) aprender a fazer (...) você sabe o que é fiar? E - Não sei.

P1 - É (...) pena que não tem como eu te mostrar, porque eu tenho. Eu tenho a roda, né? É o que a gente primeiro aprendia quando criança, ia dando seus 10 anos, por aí, às vezes até antes, a gente aprendia a fazer o fio do algodão. A gente colhia o algodão e processava tudo e fazia o fio pra depois tecer, colocar no tear, tecer, fazer a roupa, fazer o lençol, fazer a colcha, tudo isso.

E- E quem que ensinava essas coisas?

P1 - As mães. Isso era tradição da mulher lá desde quando a gente entendeu por gente. Aí a gente aprendia, a pegar o algodão, até fazer o fio (...) até fazer a roupa. Aí quando era pra fazer a roupa a gente cortava, costurava, né? E assim era a vida da mulher, era essa (...). Eu só aprendi a fazer o crochê depois de casada, eu já tinha três (...) do quarto filho, eu aprendi a fazer o crochê, porque, assim, eu ficava cuidando dele porque ele teve uns problemas com a perna e tinha que ficar engessado e aí eu não podia soltar ele, que ele fazia estripulia, né? Aí eu comecei a tentar aprender a fazer crochê (...) ficar sentada do lado dele, então eu aprendi sem ninguém me ensinar” (Fragmento da entrevista com P1, grifos da autora).

“Eu desde criança, eu gostava demais de desenho, sabe? Na escola eu lembro no primário, né, que antigamente chamava primário, eu lembro da minha professora que eu adorava, Dona Lili, ela mostrando meu trabalho pra uma outra professora, sabe? Elogiando assim. Elas não falavam pra gente mas eu vi assim que ela tava de olho e tal, falando. E eu sempre gostei de desenho (...). Tinha uma tia que desenhava muito bem e nas

férias, interior, eu tinha um caderno de desenho dessa minha tia, das coisas lá em casa e aí eu gostava de olhar e refazer aqueles desenhos, sabe? Eu lembro que tinha brincadeira de roda, era muito legal. Eu lembro que era uma coisa mais primitiva os desenhos dela, sabe? Mas era lindo, não esqueço dessa cantiga de roda, brincadeira de roda.

*(...) Aí depois disso eu fui pra [cidade onde viveu] e eu fiz um teste vocacional e deu Arte mesmo, sabe? E aí em [cidade onde viveu] todo mundo falava: ‘faça uma matéria mais séria, não mexe com isso’ e aí mesmo assim eu fiz vestibular para Belas Artes e fiz comunicação social. Aí eu só fiquei na comunicação, não fiz matrícula pra Belas Artes (...) Arrependi, aí no ano seguinte eu fiz Belas Artes e passei. **Aí fiz os dois e depois fiz licenciatura, também, sabe? Em Belas Artes, em artes. E aí formei e fui dar aula de arte pra adolescente**” (Relato de P2, grifos da autora).*

Nos dois relatos percebemos a influência de figuras familiares femininas: no caso de P1, com a mãe, e no de P2, com a tia. Há uma herança, compartilhada entre as gerações, desses saberes que foram base para a constituição dessas mulheres.

Quando questionadas sobre o que a arte representa para elas, as entrevistadas relatam o papel importante que ocupa na vida delas.

*“Nossa (...) é tudo, é tudo. Porque, eu me sinto bem, se eu tiver, por exemplo, se eu não tô muito bem, assim, cansada, eu tô (...) às vezes alguma coisa que me deixa nervosa, alguma coisa assim, se eu conseguir sentar e pegar pra fazer, é rapidinho, eu já me relaxo, sabe? (...) **Pra mim é muito bom, eu gosto muito, mesmo**” (Relato de P1, grifos da autora).*

*“**É a minha vida (...)** é emoção, é a vida. Eu acho que ela ajuda muito a gente a sobreviver aqui nesse mundo, sabe? E também dá energia pra outras pessoas, porque eu acho que ela é uma forma de transmitir energia também, né? (...) De beleza ou não, mas uma forma das pessoas olharem, inspirarem (...) ou não, interagir, ou não. Mas pra ter uma participação, né? Em ver uma outra comunicação com o mundo, né? **Eu acho que a arte ajuda, tanto cinema, música, as artes plásticas, toda forma de arte, a dança, é uma coisa abençoada, eu acho**” (Relato de P2, grifos da autora).*

3.2.3.2. Arte em curso

Tão importante quanto as palavras, o aspecto visual é fundamental para o presente estudo. Nesse sentido, foi pedido às participantes que apresentassem suas obras de autoria própria preferidas, e que comentassem sobre elas.

3.2.3.2.1. Obra da participante 1



“Esse aqui, como é o trabalho de Hardanger eu gostei mais. Eu fiz um jogo desse aqui (...) um jogo de cozinha, ele ficou lindo. Ele não é cortado, mas eu gostei demais dele. Então, eu gosto de usar ele (...). Eu fiz várias peças dele, eu gostei. Parece que cai bem. Onde a gente coloca ele dá (...) fica bom. Não sei nem como te falar, mas eu acho que fica bom, onde eu coloco” (Relato de P1)

3.2.3.2.2. Obra da participante 2



“Ele na verdade foi um processo mesmo (...) de vida, quando eu vim pra cá [cidade onde reside atualmente]. Tipo filtro, você vai filtrando a vida, vai filtrando tudo (...) relacionamento, atitude, né? Você vai filtrando as coisas boas pra você, pelo menos que te faz bem. Então, foram as linhas, elas tipo uma água no fundo; as folhas, elas têm um movimento, sabe? E

“tinha umas redes e as redes era como se filtrasse aquilo ali. Então ele (...) ele me representa muito bem” (Relato de P2).

Quando questionadas sobre o que sentiam ao ver uma obra finalizada, ambas falaram sobre um sentimento de realização. Para além disso, a participante 2 percebe também benefícios em sua saúde.

*“(...) mas o que eu gosto é isso, **me sinto bem, realizada com o que eu fiz e depois começar mais um pra seguir. É bom sentir que eu consegui terminar um crochê e depois prosseguir. Acabar um e começar o outro**”* (Relato de P1, grifos da autora).

*“Ah, tem coisa que eu gosto muito, fico feliz. Bem, **fico realizada**, alguma coisa (...). Igual esse trabalho, uns que eu fiz, uns maiores, que eu fiz pra essa exposição. Tem outros que eu (...) nem por isso, sabe? Me dá (...) eu me sinto bem quando eu produzo, sabe? **É uma coisa que faz bem pra mim, pra minha saúde mesmo. É uma coisa muito boa**”* (Relato de P2, grifos da autora).

3.2.3.3. Envelhecimento e arte

A arte esteve presente durante a maior parte da vida das entrevistadas e, até hoje, contribui para seu desenvolvimento pessoal. De acordo com Talpin (2011), como os idosos são forçados a mudar de muitas maneiras com a chegada da velhice, tendem a fixar os investimentos que ainda têm de forma a preservar algum grau de estabilidade, especialmente protegendo sua própria identidade. O bordado e a pintura já se tornaram parte de quem P1 e P2 são, e elas escolhem manter essas atividades em suas vidas.

Quando perguntadas sobre como percebem a relação entre a própria velhice e os processos artísticos, é notável uma flexibilidade psíquica, em contraposição à rigidez equivocadamente atribuída aos idosos.

*“A relação que eu vejo é que eu sempre gostei. (...) Hoje a gente falta por não fazer nada, né? Então, eu acho que é uma relação assim, entre a velhice e o artesanato e esse tipo de coisa porque a gente já pensa ‘ah, vou fazer isso’, outra coisa já não vou fazer mais, como trabalhar fora, esse tipo de coisa, eu já não penso isso mais. **Pra mim é um lazer, eu já não vou sair mais pra trabalhar, então pra mim é um lazer**”* (Relato de P1, grifos da autora).

“Bom (...) a arte me relaciona com envelhecer porque é uma coisa que me acompanha há muitos anos, né. Eu entrei pra escola nova e a partir daí sempre a arte me acompanha, eu trabalhei com arte, dando aulas, igual

já te contei, eu (...) depois, quando aposentei, eu vivo (...) se a arte não tivesse perto de mim eu tava abandonada, ainda mais nessa pandemia.

*Mas eu acho que todo mundo deveria ter alguma coisa boa, sabe? Pra ajudar a caminhar na vida, não só família e os amigos, mas é sempre bom ter uma coisa que te deixa feliz, sabe? Que te realiza, então isso tudo eu acho que ajuda muito a viver, sabe? A ter uma cabeça melhor, ter uma vida mais produtiva e não ficar pensando bobagem, sabe? Porque atrai né, coisa ruim. Então é agir sabe? É isso que eu acho, como a **arte é muito dinâmica, você tá fazendo um trabalho hoje, de repente você passa pra uma pintura, uma aquarela, você procura coisa daqui, dali, troca ideia.** Eu acho muito bom, sabe? Ajuda muito. Senão a gente fica, né? Bem debilitada, não é legal, né? (Relato de P2, grifos da autora).*

4. Discussão

Apesar da velhice ser vista como uma categoria universal, capaz de representar todos os indivíduos idosos como uma mesma massa homogênea, sabemos que essa visão distorcida da sociedade prioriza apenas um dado biológico elementar: de que a velhice é um processo inerente à espécie humana. No entanto, tal visão desconsidera a individualidade do sujeito, sua subjetividade e liberdade possíveis de agir no mundo (Soares, 2021). Por meio das informações coletadas, as participantes demonstraram vivenciar o envelhecimento de maneiras distintas, ainda que houvesse elementos similares, como a paixão pela arte.

Em suas falas, vimos que as duas entrevistadas colocaram o papel da arte como essencial em suas vidas. Quando questionada sobre o que a arte representa para ela, uma das participantes diz que a arte “ajuda muito a gente a sobreviver aqui nesse mundo” (P2, “A história com a arte”). Esse foi um dos pressupostos deste estudo: justamente, retratar a arte como necessária ao ser humano e à sua existência em sociedade. De acordo com Andrade (2000), a função simbólica da arte dá-se pela possibilidade conferida ao indivíduo de, ao mesmo tempo, perceber e expressar significados, conferindo novos sentidos de sua relação com o mundo. A arte evoca as transformações da vida e seus movimentos, do que se foi e do que ainda será, materializando afetos e conflitos.

Retomando as imagens das obras preferidas de cada uma das participantes, evidencia-se no trabalho de P1 o uso de linhas coloridas para formar padrões geométricos e do espaço em branco, que contrasta com o vermelho vibrante escolhido por ela. As obras bordadas por suas mãos depois encontram utilidade em outros lugares de sua casa, nesse caso, em especial, em sua cozinha. No caso de P2, vemos como ela conseguiu transpor o que estava sentindo, em relação ao seu processo de mudança de cidade, para uma imagem sobre a tela. As figuras são fluidas, as linhas que as compõem são sinuosas, representando bem o processo de vida que passou, de filtrar o essencial.

Como previsto por Canton (2009), a arte ensinou a essas mulheres sobre esmiuçar o funcionamento dos processos da vida, criando novas possibilidades, a partir de um olhar curioso. A produção artística proporcionou a elas que continuassem tendo autonomia sobre seus projetos e lhe conferiram protagonismo social, visto que P1 conseguia mostrar suas peças a familiares e presenteá-los com algumas delas, e P2 fazia parte de exposições

na escola de arte onde estudava na época das entrevistas. Sobre esse fato, uma frase do pintor expressionista Paul Klee me retorna à memória: “A arte não existe para produzir o visível, e sim para tornar visível o que está além”. O bordado e a pintura ajudam a concretizar os processos vividos por P1 e P2, ao mesmo tempo que as presenteiam com a visibilidade social, tão renegada aos idosos atualmente.

Quando questionadas sobre o que sentiam ao ver uma obra finalizada, sentimentos de orgulho e realização foram comuns às duas entrevistadas. Ciornai (2002) teoriza que as pessoas envolvidas em processos artísticos tendem a ficar encantadas com suas criações, o que possibilita que também encontrem a beleza interna em si próprias: “ao criar o belo, a pessoa entra em contato com o belo em si” (p. 10). Poderíamos dizer então que, ao se deparar com o belo que existe dentro, fica mais fácil encontrar beleza fora de si, também.

O encontro do sujeito com o espelho na velhice pode causar estranheza e inquietação. No entanto, o que as entrevistadas revelam nos relatos coletados é uma boa relação perante a imagem trazida pelo envelhecimento: agem de acordo com suas referências, em contrapartida ao desejo de rejuvenescimento imposto pela sociedade. De maneira própria, souberam gerir seus recursos internos e investi-los em novas identificações. Sobre isso, Mucida (2009) explica que os idosos que valorizam o saber de si conseguem escrever destinos diferentes às mudanças corporais e dão boas acomodações ao corpo que envelhece.

Para além dos benefícios já citados, a atividade artística também desempenhou a função de amenizar o sentimento de solidão. Ambas as entrevistadas moravam sozinhas durante a época das entrevistas e relataram que os trabalhos manuais serviam como forma de distração e ajudavam a passar o tempo. P2 havia perdido o marido há quase vinte anos e P1 ainda vivia o período de luto pelo marido falecido durante a pandemia de COVID19. Conforme Camarano (2002), as mulheres idosas apresentam maior tendência a viver sozinhas. Tal fato inscreve-se em uma questão multifatorial, com base nas diferenças sociais e estilos de vida entre homens e mulheres.

Nesse momento de empobrecimento dos objetos externos, impulsionado pela pandemia mundial e o isolamento imposto à população, as entrevistadas tiveram de voltar-se para seu mundo interno. A arte foi a saída encontrada por elas. Frayze-Pereira (2005)

destaca, a partir da teoria de Winnicott (1971), o lugar intermediário da obra de arte, identificada como objeto transicional, “nem interna nem evidentemente externa ao sujeito”. Mesmo com a limitação de circulação entre os espaços físicos, o espaço intermediário proporcionado pela arte se expandiu em suas vidas, dando sustentação e sobrevivência subjetiva a elas.

Impactadas pelo ambiente de incertezas trazidas pela COVID-19, fiquei com a impressão de que a arte era um dos lugares seguros por onde as participantes ainda podiam transitar. Vimos que a história de vida de ambas se entrelaça com a arte desde cedo – na infância –, e que elas estavam acostumadas com essas atividades há muito tempo. Recordo-me do relato de P2, dizendo que a pintura a salvou durante a pandemia e que pintava, de tarde até a noite, inclusive nos fins de semana. Talvez o refúgio nas telas e nos bordados tenha sido a tentativa de ter sob as mãos, por meio dos pincéis e das agulhas, algum controle frente à realidade incontrolável. Para Winnicott (1971), em seu artigo sobre as origens da criatividade, esta se relacionaria com o estar vivo: “a criatividade que estamos estudando relaciona-se com a abordagem do indivíduo à realidade externa” (p. 98). Acredito que P1 e P2 tenham encontrado soluções criativas para preservar o bemestar durante esse momento complexo de pandemia.

Se pudermos recuperar o conceito de envelhescência, apresentado anteriormente neste estudo, como um trabalho psíquico no qual o sujeito reflete sobre seu envelhecimento e pode desvinculá-lo dos preconceitos, então, poderíamos dizer que a arte contribui para a envelhescência.

Na envelhescência, a pessoa que envelhece abraça sua vontade e inventa sua própria maneira de envelhecer, não seguindo uma imposição social ou modelos pré-estabelecidos. Assim também é com a arte, na qual cada indivíduo pode transcender o lugar delimitado a ele. E dessa maneira fazem as participantes desta pesquisa: simbolizam o que precisa ser expressado por meio da arte e com isso colocam-se no mundo de maneira ativa, autoral, contrariando o ageísmo social, que restringe somente aos jovens o papel de criar o novo e o belo.

As práticas artísticas permitem que as entrevistadas transformem suas vivências interiores em algo externo a elas, transposto ao material que dá fio para o bordado e tinta para a tela. Nesse lugar intermediário da arte, deparam-se com novas versões de si

refletidas em objetos que elas mesmas criaram e podem, a partir disso, ressignificar suas experiências, seu processo de envelhecer.

5. Considerações finais

Considerando que o objetivo deste trabalho foi investigar os significados que a pessoa que envelhece atribui para o próprio processo de envelhecimento e como a arte pode influenciar na construção desses significados, os resultados demonstram a importância da arte, da atividade manual e artística na vida dos idosos, reforçando achados de outros estudos (Guedes, 2007; Kosovski, 2010; Alvarez, 2010).

A arte mostrou-se fundamental durante o período de pandemia da COVID-19, posto que possibilitou às participantes ter momentos de lazer e distração dentro de suas casas. Para além disso, funcionou como forma de comunicar tudo aquilo que era sentido por elas e não podia ser dito pessoalmente aos outros, devido ao isolamento social.

Com relação ao processo de envelhecimento, a arte também pareceu influenciar a percepção que as entrevistadas tinham sobre a própria velhice. As atividades artísticas acompanharam a vida dessas mulheres desde muito cedo e tornaram-se um lugar seguro nesse processo de envelhecimento, consolidando-se como parte de suas identidades. Evidenciou-se que essas atividades também fortaleceram a autoimagem das participantes, por meio da concretização de seus trabalhos. Com a arte elas aprenderam a ser mais flexíveis, criativas e a enxergar o belo em si próprias.

Os resultados desta pesquisa também fortalecem a percepção da velhice como uma fase da vida que tem características próprias do ponto de vista biológico, mas que é acima de tudo um processo particular, dado pela singularidade da história de vida de cada indivíduo. É na velhice que se encontra o somatório das experiências vividas, que podem ser tão distintas quanto o número de pessoas que existem no mundo.

Estudar e compreender como as pessoas que envelhecem vivenciam a velhice tem o potencial de permitir que a diversidade e a complexidade dos processos de envelhecimento sejam vistas, e este foi um dos pontos abordados no trabalho. As entrevistas conduzidas nesta pesquisa proporcionaram às participantes um espaço seguro, para que pudessem refletir sobre a própria velhice a partir de sua história de vida com a arte.

Dentre as limitações deste estudo destacam-se: o fato de cada participante ter sido entrevistada em apenas três encontros e por terem sido escolhidas em um contexto limitado; a condução das entrevistas de maneira *on-line*, o que em alguns momentos pode

dificultar a escuta, a compreensão e o estabelecimento de vínculo, e o número reduzido de participantes. Dessa forma, novos estudos que considerem a temática da velhice percebida pelos próprios idosos, em contextos diferenciados e aliando outros instrumentos para a coleta de dados, poderão ampliar o conhecimento sobre o tema.

Referências

- ANDRADE, L.Q. **Terapias Expressivas uma pesquisa de referências teóricopráticas**. Instituto de psicologia, Universidade de São Paulo, 1993.
- AYALON, Liat. There is nothing new under the sun: Ageism and intergenerational tension in the age of the COVID-19 outbreak. **International Psychogeriatrics**, v. 32, n. 10, p. 1221-1224, 2020.
- BERLINCK, Manoel Tosta. A envelhescência. **Psicopatologia Fundamental**, p. 193-198, 2000.
- BREAKWELL, Glynis M. et al. **Research methods in psychology**. Sage Publications, Inc, 2006.
- CAMARANO, Ana Amélia. **Envelhecimento da população brasileira: uma contribuição demográfica**. 2002.
- CAMPOS, Ana Cristina Viana et al. Perfil do envelhecimento saudável de idosos brasileiros octogenários. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 24, 2016.
- CANTON, Katia. **Tempo e memória**. Editora WMF Martins Fontes, 2009.
- CAON, Jose Luis. O pesquisador psicanalítico e a situação psicanalítica de pesquisa. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 7, n. 2, p. 145-174, 1994.
- CIORNAI, Selma. Arte-terapia: o resgate da criatividade na vida. **A arte cura**, p. 59-63, 1995.
- DE LIMA ARGIMON, Irani I. Aspectos cognitivos em idosos. **Avaliação psicológica**, v. 5, n. 2, p. 243-245, 2006.
- DE LIMA, Margarida Pedroso. **Posso participar?: actividades de desenvolvimento pessoal para pessoas idosas**. Imprensa da Universidade de Coimbra/Coimbra University Press, 2013.
- DE MORAES, E. M.; DE MORAES, Flávia Lanna; LIMA, S. D. P. P. Características biológicas e psicológicas do envelhecimento. **Rev Med Minas Gerais**, v. 20, n. 1, p. 6773, 2010.
- DE PAULA SOARES, Flávia Maria. **Envelhescência: O Trabalho Psíquico na Velhice**. Editora Appris, 2021.

FRANÇA, L. H. F. P. O desafio da Aposentadoria: o exemplo dos executivos do Brasil e da Nova Zelândia [The challenge of Retirement: The example of executives in Brazil and New Zealand]. **Rio de Janeiro: Editora Rocco**, 2008.

FRAYZE-PEREIRA, João A. **Arte, dor–inquietudes entre estética e psicanálise**. Ateliê Editorial, 2005.

GARCIA-PARDO, Rafael Sumozas; BAEZA, Carolina; ESCOBEDO, Pedro Sánchez. Expresiones artísticas y creatividad en personas de la tercera edad. **Linguagens nas artes**, v. 1, n. 1, p. 80-92, 2020.

GIGLIO, Zula Garcia. A criatividade e os caminhos: Em busca do mapa no processo de envelhecimento. **Envelhecimento Humano. Diferentes perspectivas**, p. 73-89, 2007.

GUEDES, Maria Heliana Mota; GUEDES, Helisamara Mota; ALMEIDA, Martha Elisa Ferreira de. Efeito da prática de trabalhos manuais sobre a autoimagem de idosos. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 14, p. 731-742, 2011.

HORTA, Ana Lúcia de Moraes; FERREIRA, Denise Cristina de Oliveira; ZHAO, Li Men. Envelhecimento, estratégias de enfrentamento do idoso e repercussões na família. **Revista brasileira de enfermagem**, v. 63, p. 523-528, 2010.

HERDY, Janes Santos. Envelhecimento: aposentadoria e velhice–fases da vida. **GIGAPP Estudos Working Papers**, v. 7, n. 150-165, p. 242-260, 2020.

IRIBARRY, Isac Nikos. O que é pesquisa psicanalítica?. **Agora: Estudos em teoria psicanalítica**, v. 6, p. 115-138, 2003.

JARDIM, Viviane Cristina Fonseca da Silva et al. Contribuições da arteterapia para promoção da saúde e qualidade de vida da pessoa idosa. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 23, 2020.

JERUSALINSKY, Alfredo. Psicologia do envelhecimento. **Associação Psicanalítica em Revista**, n. 5, 2001.

KOSOVSKI, Pedro Mourthé. Criação e vida nas fronteiras da representação: interlocuções entre as experimentações teatrais e os estudos da transicionalidade. **Psicologia Clínica**, v. 22, p. 237-237, 2010.

MATOS, Fernanda Souza et al. Redução da capacidade funcional de idosos residentes em comunidade: estudo longitudinal. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, p. 3393-3401, 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; COIMBRA JR, Carlos EA. **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Editora Fiocruz, 2002.

MUCIDA, Ângela. **Escrita de uma memória que não se apaga: envelhecimento e velhice**. Autêntica, 2009.

MUCIDA, Ângela. O sujeito não envelhece – Psicanálise e Velhice. rev.–2. Reimp. **Belo Horizonte: Autêntica Editora**, 2017.

NERI, A. L.; FORTES, A. C. G. A dinâmica do estresse e enfrentamento na velhice e sua expressão no prestar cuidados a idosos no contexto da família. **Tratado de geriatria e gerontologia**, v. 2, p. 1277-88, 2006.

LACAN, Jacques. O seminário, livro 10: a angústia. **Rio de Janeiro: Jorge Zahar**, v. 1963, 2005.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. Vocabulário da psicanálise (P. Tamen, trad.). **São Paulo, SP: Martins Fontes**, 2001.

PAPALIA, Diane E.; OLDS, Sally Wendkos; FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PETRETTO, Donatella Rita; PILI, Roberto. Ageing and COVID-19: what is the role for elderly people?. **Geriatrics**, v. 5, n. 2, p. 25, 2020.

ROUDINESCO, Elizabeth; PLON, Michel. Dicionário de Psicanálise–RJ: Jorge Zahar. **Ed**, 1998.

ROWE, John W.; KAHN, Robert L. Successful aging. **The gerontologist**, v. 37, n. 4, p. 433-440, 1997.

SANTOS, Silvana Sidney Costa. Concepções teórico-filosóficas sobre envelhecimento, velhice, idoso e enfermagem gerontogeriatrica. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 63, p. 1035-1039, 2010.

SILVA, Marcela Fernandes et al. Ageismo contra idosos no contexto da pandemia da covid19: uma revisão integrativa. **Revista de Saúde Pública**, v. 55, p. 4, 2021.

SILVA, Maria Alice Siqueira Mendes. Sobre a análise do discurso. **Rev. psicol. UNESP**, p. 16-40, 2005.

SOUZA, Fernando P. et al. Sobrevôo: da autogênese passando pela infância e detendo-se na velhice. **Rev. Psicofisiologia**, v. 2, 1998.

WINNICOTT, Donald Woods. **O brincar e a realidade**. Ubu Editora, 2020.

Anexo A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde)

Eu, **Yasmim Tami Paulino Shimomichi**, estudante de graduação em Psicologia na Universidade Federal de São Carlos, estou desenvolvendo uma pesquisa para a qual você está sendo convidado(a) a participar. O projeto intitulado **“Idosos na pandemia: investigando os significados de envelhecer e sua relação com o fazer artístico”** será realizado sob orientação do **Prof. Dr. Leonardo Cardoso Portela Câmara**.

A pesquisa objetiva realizar um estudo sobre o envelhecimento e sua relação com a arte durante a pandemia de COVID-19. Espera-se que os dados contribuam para conhecimentos a respeito dos significados do processo de envelhecer para aquele que envelhece. Você está sendo convidado(a) por ser uma pessoa com mais de 60 anos e estar envolvido(a) em algum processo artístico.

Sua participação nesta pesquisa consistirá inicialmente em responder a questões sobre seu processo de envelhecimento e sua relação com a arte durante a pandemia de COVID-19. O tempo estimado para responder a todas as entrevistas é de três horas no total. Serão realizadas três entrevistas, uma por semana, com duração estimada de uma hora cada. As entrevistas serão conduzidas virtualmente por meio da plataforma de reuniões *on-line Google Meet*. Essas serão gravadas e, posteriormente, transcritas na íntegra. Desse modo, solicitarei sua autorização para gravar o vídeo de nossas entrevistas por meio do próprio programa do *Google Meet*, a fim de auxiliar os pesquisadores na análise das informações levantadas. Esses dados serão armazenados em equipamento físico, com acesso restrito à pesquisadora e ao orientador, sendo mantidos por cinco anos, após os quais serão descartados. Ao longo de todo o processo, sua identidade será preservada, assim como em relatórios e publicações posteriores, sendo empregados nomes fictícios para que seja preservado o sigilo das informações obtidas. Além disso, deve-se explicitar que o sigilo e a privacidade também serão garantidos a quaisquer grupos de pessoas que vierem a ser mencionados por você ao longo de todas as fases da pesquisa, os quais também serão chamados por nomes fictícios em possíveis publicações futuras, exceto se houver sua manifestação explícita em sentido contrário, mesmo após o término da pesquisa.

O caráter remoto das entrevistas traz algumas especificidades, comumente encontradas no ambiente virtual. Dessa maneira, é possível que durante a condução dos encontros virtuais, nos deparemos com problemas técnicos, como a falha do sinal da internet, o não funcionamento dos aparatos utilizados na vídeo-chamada ou mesmo a intromissão de outras pessoas no ambiente físico onde participante e pesquisadora se encontram. Visando diminuir esses incidentes, afirmo o compromisso de escolher um local apropriado para a condução das entrevistas, onde não haverá outras pessoas por perto, além da utilização de fones de ouvido durante a coleta de dados, para que outros não escutem as informações ditas. Solicito, assim, que o(a) participante também colabore com estas ações, para que seja garantido o sigilo.

Além disso, informo sobre a possibilidade de violações e hackeamento durante as chamadas de vídeo. Caso isso ocorra, é de responsabilidade da pesquisadora encerrar a chamada e iniciar uma nova, com a utilização de senha da sala. Portanto, por haver estes eventuais impedimentos, informo sobre essa limitação para assegurar total confidencialidade dos dados. Porém, a Plataforma Google Meet possui algumas garantias de sigilo e explicações sobre o assunto em sua Política de Privacidade. As informações a seguir foram retiradas do Guia de Segurança e Privacidade para os usuários do Google Meet: “O Meet usa várias medidas de segurança para proteger suas videochamadas. Isso inclui controles contra invasão de videochamadas na Web e de ligações para reuniões. Veja algumas das nossas principais medidas a seguir:

Código da reunião: cada código tem 10 caracteres, com 25 caracteres no conjunto. Isso dificulta o ataque de força bruta para "adivinhar" os códigos das reuniões.

Detalhes da reunião: podem ser mudados no convite. Se você alterar o convite da videochamada completamente, o código da reunião e o PIN do telefone também mudarão. Isso é útil quando um usuário é removido do convite da reunião.

Participação de uma reunião: as restrições a seguir são válidas quando as pessoas participam de uma videochamada”.

Devido ao tema a ser desenvolvido no estudo, esse projeto poderá ocasionar desconforto emocional e psicológico aos participantes. Nesse caso, você poderá entrar em contato com a pesquisadora, que poderá fornecer informações adicionais para garantir sua segurança emocional. Entretanto, também dará oportunidade aos entrevistados de falarem sobre suas experiências em um ambiente protegido.

Todos os dados coletados serão confidenciais de forma a assegurar a sua privacidade. Os resultados divulgados em congressos ou revistas científicas serão apresentados de forma a não identificar você. Acrescentamos que, ao final da pesquisa, você terá acesso integral a todos os resultados obtidos.

Sua participação na pesquisa não é obrigatória. A qualquer momento você pode desistir de participar deste projeto e retirar o seu consentimento. Se optar por não participar do projeto de pesquisa, sua recusa não trará qualquer tipo de prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a Universidade Federal de São Carlos, de acordo com a Resolução CNS nº 510/16 e complementares.

Sua participação é voluntária e não haverá compensação em dinheiro. Toda a participação se dará de maneira remota, em plataforma *online*. No entanto, quaisquer gastos advindos da participação na pesquisa serão ressarcidos pela pesquisadora.

Se você tiver qualquer problema ou dúvida durante a sua participação na pesquisa poderá comunicar-se pelo e-mail para o endereço eletrônico yasmim@estudante.ufscar.br. Você receberá uma via deste termo onde constam o telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Se você entendeu todos os procedimentos, não tem mais dúvidas e consente em participar da pesquisa, solicitamos que você demonstre isso a partir da resposta ao seguinte formulário: <https://forms.gle/LGf32CeV4uxRdbwc9>

Por meio dele, você declara que entendeu os objetivos, riscos da sua participação na pesquisa e concorda com os termos do seu envolvimento no estudo. Assim que respondido, você receberá, automaticamente, no e-mail informado, uma cópia das condições consentidas. Sendo assim, recomendamos que você guarde essa via. Mas você também pode solicitar, a qualquer momento, o registro do seu consentimento para a pesquisadora. Todos os documentos enviados por e-mail terão somente um remetente e um destinatário, respeitando o sigilo de sua participação. Além disso, ressalta-se que só serão marcados horários para a realização das entrevistas após o preenchimento do formulário com o consentimento.

Este projeto de pesquisa foi aprovado por um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), que é um órgão que protege o bem-estar dos participantes de pesquisas. O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas

envolvendo seres humanos, visando garantir a dignidade, os direitos, a segurança e o bem estar dos participantes de pesquisas. Caso você tenha dúvidas e/ou perguntas sobre seus direitos como participante deste estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) da UFSCar que está vinculado à Pró-Reitoria de Pesquisa da universidade, localizado no prédio da reitoria (área sul do campus São Carlos). Endereço: Rodovia Washington Luís km 235 - CEP: 13.565-905 - São Carlos SP. Telefone: (16) 3351-9685. E-mail: cephumanos@ufscar.br. Horário de atendimento: das 08:30 às 11:30.

O CEP está vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde (CNS), e o seu funcionamento e atuação são regidos pelas normativas do CNS/Conep. A CONEP tem a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo CNS, também atuando conjuntamente com uma rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEP) organizados nas instituições onde as pesquisas se realizam. Endereço: SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar - Asa Norte - CEP: 70719040 - Brasília-DF. Telefone: (61) 3315-5877 E-mail: conep@saude.gov.br.

Responsáveis:

Pesquisadora: Yasmim Tami Paulino Shimomichi

Orientador: Prof. Dr. Leonardo Cardoso Portela Câmara

Endereço: Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São Carlos. Rod. Washington Luís, km 235 - São Carlos

Contato telefônico: (11) 97605-5656

E-mail: yasmim@estudante.ufscar.br ou lcpcamara@ufscar.br

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Local e data:

Nome do Pesquisador

Nome do Participante

Anexo B: Roteiro de entrevista**Dia 1 - “O que o envelhecimento representa”**

1. O que o processo de envelhecer significa para você?
2. Como tem sido vivenciar esse processo?
3. Conte-me sobre a primeira situação em que percebeu que estava envelhecendo.
4. O que sente em relação à pandemia de COVID-19?
5. De que maneira a pandemia impactou a sua vida?

Dia 2 - “Narrativas sobre a vida e a relação com a arte”

1. O que a arte representa em sua vida?
2. Há quanto tempo pratica esse tipo de arte? Como começou?
3. Você sente que a sua arte se modificou ao longo do tempo?
4. Conte-me sobre essa obra sua e o que ela significa para você.
5. O que sente quando está fazendo essa arte?
6. Como tem sido o processo de produzir arte durante a pandemia de COVID-19?

Dia 3 - “Envelhecimento e arte”

1. Como está sua rotina no momento?
2. Como está sua produção artística no momento?
3. O que você sente quando vê uma obra finalizada?
4. De que maneira seu processo de envelhecer e sua arte se relacionam?